

O PENSAMENTO COMPLEXO COMO CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO IMAGINÁRIO NA SOCIEDADE DE RISCO

Ana Carla Pinheiro Freitas, Doutora em Direito, UNIFOR. cpinheirofreitas@yahoo.com.br, Philippe Hubert Gidon, Mestre em Relações Internacionais, UNIFOR, philippegidon@gmail.com

RESUMO

O presente artigo pretende propor a construção de um novo imaginário para a sociedade do risco, tendo como principal referência o pensamento complexo de Edgar Morin. Para tal intento torna-se imprescindível a descolonização das crenças e vivências dominante na sociedade dita pós-moderna, exigindo-se uma modernização reflexiva em resposta à equívoca ideia no sentido de que o crescimento econômico vai necessariamente levar ao desenvolvimento humano sustentável. As noções de posição de Derrida e de Klein, a necessidade do resgate ou da construção de um arché, como querem Castoriadis e Levinas, assim como a ideia do decrescimento sereno de Serge Latouche, nos conduzem a caminhos para a descoberta de novos sentidos para a promoção da vida.

Palavras chave: pensamento complexo, sociedade do risco, decrescimento sereno, novo imaginário

A título de introdução

O pensamento complexo moriniano trabalha nossos modos de pensar colocando de volta no centro das atenções as dimensões de incerteza, incoerência, contradição, ordem e desordem, ou seja, oferece uma nova modalidade de apreensão e aproximação da realidade, mas sem a ambição e nem a arrogância de fazer dessa proximidade um ponto de chegada. Isso porque ponto de chegada e de certeza pode se tornar no que Roberto Esposito chama de “tanatopolítica”: Mascara posturas deletérias e perigosas à comunidade humana (ESPOSITO, 2004 p. 34; 2010, p. 65), assim como a busca dos caminhos da biopolítica ou, como dizia Freud (1999), os caminhos da “pulsão de vida”.

Ulrich Beck ao cunhar a expressão “sociedade do risco” afirma que, por meio dos atuais conflitos armados, catástrofes ambientais, epidemias, etc, temos que a “insegurança” está cada vez mais presente no nosso cotidiano. Configura “noção complexa”, que designa, ao mesmo tempo, um perigo potencial e a sua percepção. Ou seja, indica uma situação percebida como perigosa na qual se está inserido, ou uma situação cujos efeitos podem ser sentidos.

A construção de um novo imaginário, ponte necessária entre a sociedade do risco e o pensamento complexo, exige, como bem nos fala Derrida, não uma mudança de pensamento, como objeto, mas uma mudança no “modo de pensar”, ou seja, uma mudança processual. A construção de um “sentido processual” que conduza a um resultado que faça “sentido”. O elo entre o pensamento complexo e a construção de um novo imaginário para a sociedade do

risco encontra-se, principalmente, no reconhecimento do desafio que a “sociedade complexa” nos propõe. Revela-se imprescindível discutir acerca de um modo de pensar capaz de resgatar a necessidade de se eliminar duas ilusões que, ao surgirem, atrapalham a reflexão dos “membros” da sociedade do risco: acreditar que a complexidade conduz à simplicidade e confundir os conceitos de complexidade e de completude.

No presente texto, discutir-se-á, de início, o pensamento complexo no discurso de Edgar Morin. Em seguida, abordar-se-á o tema do imaginário dominante na sociedade do risco, ou seja, a crença de que o crescimento econômico nos levará ao desenvolvimento humano. Mais adiante, cuidaremos de contrapor os paradigmas da complexidade e do desenvolvimento sustentável com base na proposta do decrescimento sereno, de Serge Latouche, para, por fim, propormos a construção de um imaginário possível para a sociedade complexa.

1. O pensamento complexo no discurso de Edgar Morin

A teoria da complexidade constitui uma corrente metateórica inovadora indo à contracorrente do pensamento científico moderno, baseada em um modelo integrador e multifacetado. Trata de metodologias interdisciplinar e transdisciplinar das ciências, modalidades de investigação, uma nova concepção da educação, constantemente revisitadas por seu criador, Edgar Morin, desde os anos 70. Promove mudanças radicais no entendimento do pensamento, do conhecimento e do saber como bases subjacentes à qualquer evolução humana saudável.

O convite é simples e terrivelmente desafiador. Edgar Morin nos incentiva a reformar nosso pensamento, deixando velhos paradigmas e aceitando uma nova abordagem complexa, com constante referência à raiz latina da palavra. *Complexus* em seu sentido mais literal, “o que foi tecido junto”, deve portanto, ser apreendido em sua dimensão intrinsecamente relacional, multidimensional e transdimensional, sem qualquer tentativa de comparação ou assimilação à palavra *complicação*, e tão pouco sinônima de *completude*, em referência à premissa da complexidade sobre a impossibilidade de se alcançar um conhecimento completo. O convite moriniano não trata, portanto, de mera revisão de doutrina ou método sobre o conhecimento e o pensar:

“Comme on le sait, le dernier continent inconnu à l'homme est l'homme, et le centre de ce continent, le cerveau, nous est non seulement inconnu, mais encore incompréhensible”. (MORIN, 1973, p. 131)¹

¹ Como bem o sabemos, o último continente desconhecido ao Homem é o Homem e o centro deste continente, o cérebro, nos é não somente desconhecido, mas ainda incompreensível. (Tradução livre dos autores)

A proposta possui em sua essência uma nova concepção daquelas dimensões, não passando mais pelo filtro da especialização, compartimentalização ou simplificação dos saberes estudados, mas sim por uma nova grade denominada complexidade. Tal postura revolucionária de investigação pretende promover a religação dos saberes e assim melhor apreender suas dinâmicas de convivência e co-criação, incluindo, e não mais excluindo, no processo de construção consciente, os princípios de incerteza e contradição inerentes à condição humana, já que segundo Morin (1973, p. 152), *la conscience n'est jamais assurée de surmonter l'ambiguïté et l'incertitude*.²

Os conceitos de ordem e desordem sobressaem-se ao longo da obra moriniana, interagindo em torno de um polo objetivo regido por agitações, dispersões, colisões, irregularidades e instabilidades, e um polo subjetivo representando a imprevisibilidade e relativa indeterminabilidade, traduzida como incerteza, ou mesmo, acaso (ESTRADA, 2009, p. 87). Há portanto, na visão moriniana baseada nos ensinamentos da entropia em física, uma necessidade da desordem que, ao desintegrar, permite que a ordem surja. Qualquer tipo de organização possui os dois polos em si, criando, destruindo, construindo em um processo nem totalmente determinado, nem totalmente aleatório, ao mesmo tempo autônomo e dependente, de auto organização, revisado por Morin, com o conceito de “auto-eco-organização”. Nele, o sujeito se torna auto organizador de seu processo vital, dependente de seu meio ambiente, sendo influenciado por ele e influenciando-o (PETRAGLIA, 2008, p. 19).

Assim, a convivência de dimensões ao mesmo tempo complementares e paradoxais tais como sujeito e objeto, mundo interior e mundo exterior, autonomia e dependência em processos sucessivos, co-criativos, recursivos de ordem e desordem caracterizam o pensamento complexo. Conforme Morin há também de entender uma dificuldade lógica (MORIN, 1988, p. 4). Em suma, um sistema é, ao mesmo tempo mais e menos do que a soma de suas partes. “Menos” porque potencialidades da parte podem ser inibidas pela organização, e “mais” porque faz surgir naquela mesma parte potencialidades que não teriam desabrochadas se não fosse a organização. São qualidades emergentes ao sistema, observáveis, constatáveis, mesmo que não sempre logicamente previsíveis, e com potencial de retroação sobre as partes, estimulando-as a expressar mais potencialidades, num processo incessante de criação. Tais considerações remetem à teoria holográfica da vida: a parte está no todo assim como o todo está na parte. (MORIN, 1988, p. 5). Morin cunhou a expressão “ecologia da ação” para melhor representar os princípios de ação e inter- retro- ação que provocam mudanças na ação, sabendo que as consequências de uma ação são cada vez menos

² A consciência nunca pode ter certeza que vá superar a ambiguidade e incerteza (Tradução livre dos autores)

previsíveis a medida que o tempo passa (LI VIGNI, p. 1, 2012). A ação deve, frente à tais incontornáveis incertezas e contradições, ser pensada e planejada estrategicamente. Implica a adoção de uma postura humilde e aspiração autêntica à busca pela verdade, sem as travas culturais e mentais que condicionam seu processo de pensar (MORIN, 1988, p. 10).

O pensamento complexo, portanto, desafia a lógica clássica, trabalha com as contradições, as retroações e interdependências, em uma fórmula dialógica constante onde duas lógicas relacionadas na unidade, em um processo multidimensional inclusivo, permitem que se chegue ao estado de *unidualidade*, de compreensão unidual dos fenômenos pesquisados. O método complexo deve ser entendido, não como um roteiro a seguir em etapas para chegar a um determinado resultado, mas como uma caminhada em espiral, que revela e ensina, promovendo uma mudança completa de paradigma ao religar o que estava separado (CORTÈS, 2008, p. 44). Em momento crítico de “agonia planetária”, há urgente necessidade em revolucionar nossos modos de pensar para integrar a incerteza, o risco como elementos inerentes à qualquer grade de entendimento dos fenômenos e planejamento dos caminhos almejados. Deve-se, portanto, entender a sociedade como, fundamentalmente, uma sociedade do risco, objeto de estudo de Ulrich Beck, para o entendimento da sociedade dita pós moderna.

2. O imaginário dominante na sociedade de risco: o equívoco do paradigma do crescimento econômico para o desenvolvimento humano.

O imaginário dominante que resultou na sociedade de risco toma grande impulso com a “cultura maquinica” (HERMANN, 1992) da revolução industrial do século XIX. A partir de então, ante a perspectiva de que o crescimento econômico levaria necessariamente ao desenvolvimento humano com a ajuda da “mão invisível” (SMITH, 1996), passa-se a considerar o pensamento como se fora uma máquina. E essa máquina é movida pela visão historicista no sentido de que a ideia é fruto dos conflitos de sua época, a qual somente pode ser compreendida em um movimento dialético de tese, antítese e síntese, ou seja, como reflexo de uma condição histórica (HEGEL, 2004). Seguindo esse “mecanismo cognitivo”, teríamos, hoje, que as sentenças científicas trariam consigo, necessariamente, uma verdade transcendental e eterna. Essa verdade seria apenas o passo antecedente a outro passo que traria novas verdades igualmente transcendentais e eternas, sempre no sentido do progresso econômico, em um processo sucessivamente evolutivo.

No entanto, sabemos e sentimos “na nossa própria pele”, seja por meio do sol que queima ou do derretimento das calotas polares e devastação das florestas, que os referidos recursos cognitivos não passam de argumentos falaciosos. A ciência e a tecnologia não conseguem dar

marcha ré, frear e nem mesmo parar os resultados do progresso desmedido. A sociedade dita pós moderna não pensa mais somente em superar conflitos para que surja uma “nova história”, como na visão hegeliana, ela se desespera em meio ao colapso criado para sobreviver aos conflitos por ela mesma gerados ao construir a sociedade de risco. A percepção das consequências que o declínio do império da sociedade liberal, ou liberada, de qualquer responsabilidade que não fosse aquela tendente ao progresso para o consumo se deu por muitos pensadores que já intuíram, como Nietzsche e Benjamin, por alguns que começaram a vivencia-la, como Heidegger e Foucault e por aqueles que a registram e que apontam “rotas de fuga” (GUATARRI, 2011) da situação a que chegamos, como Beck e Latouche.

Beck entende a sociedade de risco como um mundo de incertezas fabricadas através de inovações tecnológicas e respostas sociais aceleradas no sentido da demanda pela produção de novas tecnologias que, por sua vez, continuam produzindo um novo cenário de risco global e de incertezas não quantificáveis. A sociedade do risco é descontrolada, já que os riscos produzidos pela civilização do consumo escapam à sua própria percepção, inebriada que está na satisfação de desejos que se renovam e são recriados a cada dia. Para Beck, a sociedade de risco se expande em várias dimensões e direções além daquelas geradoras de catástrofes palpáveis. Acarreta mudanças significativas na estrutura da sociedade, no tocante às classes sociais, formas familiares, questões de gênero, casamento, paternidade e profissão.

De todos os temas abordados por Ulrich Beck em sua obra “A Sociedade do Risco”, aquele relacionado à “individualização” é, ao nosso ver, o mais importante. O referido conceito diz respeito ao sujeito como elemento central das ações no mundo. Os indivíduos são os “agentes de escolha” e passam a ser senhores de um elevado nível de controle e responsabilidade (JONAS, 1986) quanto à exposição aos perigos e riscos (LUHMANN, 2006). Como produtores e gestores de sua carga de risco a individualização é analisada a partir do contexto da modernidade reflexiva de Beck, Giddens e Lash, também denominada por eles como “modernização da modernização” ou “segunda modernidade”, que constitui a sociedade do risco. A modernidade reflexiva derivaria de um processo de radicalização da modernização, rompendo com as previsibilidades da vida social. A globalização, em sua raiz de natureza econômica, e os avanços tecnológicos são algumas características da segunda modernidade, que passa a ser em si mesma tema e problema. Passa a ser auto-referente. Diante da modernização reflexiva, com Beck abordando a “reinvenção da política”, Giddens falando sobre “a vida em uma sociedade pós tradicional” e Lash se debruçando sobre a “reflexividade e seus duplos”, temos, especialmente em Beck, uma visão acerca do papel assumido pela ciência na produção do conhecimento acerca dos riscos.

Pensamos que a intenção do sociólogo alemão é, em seu cerne, criticar o determinismo da racionalidade científica sobre a sociedade na produção de verdades. Para Beck, a “cientifização” conduz a “indistinções” marcantes entre ciência e política, atravessando todas as esferas da vida social. Para isso, o autor parte das concepções em torno da sociedade industrial com o objetivo de tratar daquilo que ele denomina “especializabilidade”, ou seja, o movimento do conhecimento científico no sentido de delimitar e monopolizar o conhecimento, “um caráter delimitável e monopolizável do conhecimento científico e da ação política” através das instituições que compõem o sistema científico e político. Beck bem define o papel da ciência no contexto da segunda modernidade ao afirmar que ela se torna cada vez mais necessária, mas ao mesmo tempo cada vez menos suficiente para a definição socialmente vinculante de verdade. Com isso a política perde suas fronteiras. O pseudoconhecimento da exata fonte dos riscos e pseudodenominação da natureza incentivam um movimento no sentido de que os riscos promovam uma autopolitização da modernidade gerando, por sua vez, uma subpolítica, retroalimentando um círculo vicioso. A boa notícia é que as referidas autopolitização e subpolítica promovem o surgimento de um importante papel a ser desempenhado pelos chamados “agentes coletivos e individuais”, que antes se posicionavam fora do sistema e que são inseridos no novo cenário social. Com isso, as ações quotidianas do sujeito aparecem como novas formas do agir político.

3. O paradigma da complexidade X paradigma do desenvolvimento sustentável

Uma das iniciativas mais marcantes dos “agentes coletivos e individuais” de Beck, pode ser identificada na proposta de decrescimento sereno surgida formalmente em 2002 com a publicação de um manifesto intitulado “Abaixo o crescimento sustentável! Viva o decrescimento convivial!”³. Conforme Serge Latouche, autor do texto e principal líder deste novo movimento, a noção de “decrescimento” já existia na literatura acadêmica. O termo foi cunhado na década de 70 por um matemático e economista heterodoxo romeno, Nicholas Georgescu-Roegen, no livro publicado em 1971 “*the entropy law and the economic process*”, resultado de anos de estudos sobre a lei da entropia e suas consequências na área econômica. Neste, demonstra que a natureza, organizada em torno de ciclos, precisava ser respeitada a fim de não gerar degradação dos recursos naturais. A “economia ecológica” de Roegen envolvia a necessidade de reconhecimento de certos limites e consequente aplicação de decrescimento que permita à natureza regenerar-se, dando assim sustentabilidade aos ciclos humanos dentro dos ciclos naturais. Entrava em conflito aberto com o conceito liberal

³ A bas le développement durable! Vive la décroissance conviviale! (Título original do manifesto)

moderno de crescimento ilimitado, baseado na genialidade humana em sempre achar soluções a aparentes obstáculos ou limites.

Serge Latouche, ele mesmo economista de formação, desenvolveu trabalhos pro desenvolvimento em diversos países do terceiro mundo, seguindo a cartilha recebida durante sua formação, para então entrar em conflito com os ensinamentos e questionar a imposição cultural ocidental ao redor do globo. A esfera econômica e a cultural não podiam ser apresentadas separadamente. Havia um indispensável diálogo a ser elaborado entre os fenômenos da globalização econômica e a ocidentalização do mundo (VIEIRA, p. 2, 2008).

Serge Latouche iniciou, portanto, sua jornada contestadora criticando o imperialismo cultural ocidental, para somente mais tarde, incorporar em seus estudos, a dimensão ecológica citada por Roegen, no processo de criação da proposta de decrescimento sereno. O autor ataca de frente o conceito de “desenvolvimento sustentável”, tentando demonstrar sua total incoerência, até mesmo em sua expressão, chamada por ele de *oxymore* ou antinomia, figura clássica de retórica poética, que consiste em justapor palavras contraditórias, usada pelos tecnocratas para incentivar a crença no impossível:

Ce n'est pas l'environnement qu'il s'agit de préserver pour les décideurs (...), mais avant tout le développement. Là réside le piège. (...) . La signification historique et pratique du développement, liée au programme de la modernité est fondamentalement contraire à la durabilité ainsi conçue” (LATOUCHE, p. 2-3, 2002)⁴

O decrescimento sereno é assim um ato político, engajado, em momento crítico quando os perigos do modelo já são planetários. Contraria a incessante busca por uniformização para melhor aproveitamento e crescimento desenfreado (GONÇALVES, p. 7 a 9, 2013). Diante tal perspectiva de “agonia planetária”, faz-se necessária uma mudança de paradigma. O conceito de desenvolvimento seria reconhecido por seu teor tóxico, levando à tomada de ação prática e política de cunho Beckiano, a favor de um novo entendimento que desvincule “desenvolvimento” e “crescimento”. A escolha polêmica do termo “decrescimento” como bandeira não deve ser entendida em seu sentido literal. O próprio Latouche não defende um movimento de decrescimento, ou crescimento negativo, que levaria a desemprego, austeridade e recessão com todas suas nefastas consequências sócias e humanas. Trata-se de redefinir o termo desenvolvimento em torno da diferenciação entre “mais” e “melhor”, o que implica um trabalho transdisciplinar profundo e desestabilizador sobre os fundamentos da

⁴ “Não é o meio ambiente que os líderes pretendem preservar, mas antes de tudo o desenvolvimento. Aí reside a armadilha (...). O significado histórico e prático do desenvolvimento, aliado ao programa da modernidade é fundamente contrária à sustentabilidade assim concebida “. (Tradução livre dos autores)

sociedade, ou como ele mesmo gosta de repetir “descolonizar o imaginário”. Assim Latouche propõe uma mudança radical de postura que possa gerar um ciclo virtuoso, representado por oito mudanças interdependentes que se reforçam mutuamente (ARANCIBIA, p. 195, 2012), trivialmente conhecida como a proposta dos oito “R”: reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar, reciclar. Latouche sugere várias etapas para alcançar esse propósito, centradas em iniciativas locais de autossuficiência e implementação política gradual do modelo de decrescimento, a favor do *buen vivir*.

A proposta de Latouche, apesar deste não citar Edgar Morin como referência em seu trabalho, remete ainda assim a vários dos conceitos morinianos sobre a teoria da complexidade, em uma fórmula politicamente agressiva, baseada em rejeição visceral do modelo em vigor. É interessante notar que os dois, junto com outros 62 pesquisadores e universitários convidados, participam do Movimento Antiutilitarista nas Ciências Sociais (MAUSS) fundado por outro francês, Alain Caillé, cuja pretensão é refletir sobre a urgente necessidade de mudança, resumida em seu “Manifesto do Convivialismo”, lançado em 2011. De qualquer forma, a existência de tais iniciativas práticas demonstra a força da teoria da complexidade, com o surgimento de novos possíveis imaginários.

4. Reflexões acerca da construção de um imaginário para a sociedade complexa

O imaginário dominante na sociedade do risco parte de uma “posição” (DERRIDA, 2001) preestabelecida, estabelecida no presente e que tem pretensões de pós estabelecer para as futuras gerações: a sociedade capitalista do consumo. É necessário, no entanto, mudar de posição.

Fazendo-se um paralelo com o que a Mélanie Klein (1975) chama de alternância de posições a qual configura um movimento saudável ao equilíbrio e bom funcionamento psíquicos e que pode, ao nosso ver, ser levado à esfera social, também como alternativa de equilíbrio e mudança de norte do comportamento humano. A posição “depressiva”, ou reflexiva, ou ainda autorreferente, para Klein, significa em linhas gerais, uma espécie de enfrentamento, olhar de frente o estado em que nos encontramos, reconhecer suas mazelas e pensar em alternativas efetivas de mudança, mesmo que estas signifiquem a utilização de uma carga significativa de modificações, incômodos, ônus, etc. Já a posição “esquizo-paranoide” caracteriza-se pelo agir compulsivo, irrefletido, em um atuar, pura e simplesmente, sem pensar nas consequências do próprio agir, uma “cisão” entre o fazer e suas consequências. O “risco” encontra-se sedimentado no imaginário social do século XXI como algo “modificável” ou “dominável” pela tecnologia (PINHEIRO, 2015). É como se não tivéssemos de mudar de “posição”, nos sentidos propostos por Derrida e Klein. Como se não

fosse necessário um processo de construção de novos sentidos. Como se tudo estivesse sob o controle humano através da ciência e da tecnologia.

Os fatos mostram que os frutos do imaginário dominante significam mais um “golpe narcísico” para a humanidade. O primeiro foi-nos dado por Copérnico ao afirmar que não somos o centro do universo. O segundo por Darwin ao afirmar que não somos feitos à “imagem e semelhança de Deus”, mas sim fruto da evolução das espécies. O terceiro foi anunciado por Freud quando “descobriu” o inconsciente como senhor de nossas ações, levando abaixo as certezas acerca de que o Homem dominaria a si mesmo, por meio de sua racionalidade. O quarto golpe narcísico, ao nosso ver, se mostra quando descobrimos as impossibilidades da ciência e da tecnologia como instrumentos capazes não só de recuperar o que perdemos (desgaste dos recursos naturais), mas especialmente de manter e promover a sociedade de consumo, fazendo com que os “riscos” não sejam mais um problema social. O chamado desenvolvimento sustentável foi uma das tentativas, digamos “eufemísticas”, de enfrentar o problema, de acordo com o explanado acima em Latouche. O discurso é de que a dúvida racional acerca da possibilidade de dano deve afastar o ato que possa vir a causar o referido dano. Tal postura é vista como o maior desafio da humanidade para preservar a vida das presentes e futuras gerações. Configura uma tentativa dentro de uma lógica de sustentabilidade do imaginário posto.

A aceitação do pensamento complexo, ou seja, a crença no sentido de que o pensamento simples, que comporta a ideia de desenvolvimento sustentável é insuficiente seria o primeiro passo na caminhada para o enfrentamento do nosso último golpe narcísico, na esperança de que, na verdade, não venha a ser o último e que a humanidade sobreviva para lidar com futuros desafios e potenciais conflitos. No “Humanismo do outro homem”, Emmanuel Lévinas (1991) nos propõe uma ideia de “anarquia” não como uma teoria política, mas como uma teoria do conhecimento. Propõe a ausência da “arché”, origem, base, fundamental a um pensamento ético: equivaleria a uma espécie de falta de suporte orientador, no qual o sentido é “completamente outro”. Rompe com a temporalidade do presente e da presença, do passado como origem e do futuro como “telos”. Tomando emprestado essa noção, podemos fundar um novo imaginário social. Ou podemos mesmo resgatar o que já foi suplantado de outros conteúdos imagéticos presentes nas sociedades em outros tempos (CASTORIADIS, 2005) ou que ainda dominam algumas comunidades humanas não reconhecidas por nós ou chamadas simples e pejorativamente de não civilizadas ou primitivas.

O liberalismo e suas facetas, que dominam o imaginário social da segunda modernidade teve como primeira fase (primeira modernidade) a passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Se partirmos do entendimento que a “arque” do liberalismo capitalista

nasce nesse momento, temos que é igualmente a partir daí que nasce o imaginário que dominará o mundo ocidental desde então. O imprescindível rompimento com o imaginário da hipermodernidade (Gilles Lipovetsky, 1991) tem novos conteúdos imagéticos a oferecer, como aqueles propostos ou iniciados por pensadores, desde de Hans Jonas, passando por Ulrich Beck e chegando a Serge Latouche. Imprescindível, no entanto, é também que a mudança de imaginário faça sentido para os que nele vão pescar o seu norte de vida. A construção de sentido como imprescindível ao viver e conviver em sociedade é bem colocada por importantes autores - especialmente aqueles pertencentes à Escola (Crítica) de Frankfurt -, como Habermas e, atualmente, Axel Honneth. Importante, portanto, não somente conhecer suas ideias acerca do “agir comunicativo” e do “reconhecimento recíproco”, mas sim reconhecer que precisamos agir na construção de um novo imaginário contra o risco iminente que ameaça a vida. O “pensamento complexo” de Edgar Morin comporta o que Derrida chama de “posição” e aponta a necessidade de nos “deslocarmos de uma posição outra”, como nos mostra Melanie Klein. Abraça também a necessidade da construção de um novo “arque” como defende Levinas. O pensamento complexo pode ser tido, enfim, como o disparador destas e de outras formas de pensar porque implica em uma postura em uma epistemologia do vir a ser, sem pretensões de finitude nem promessas de completude.

A título de conclusão.

Seguindo a lógica do pensamento de Morin, chegamos ao tópico “a título de conclusão”, porque temos de dizer algumas palavras, que ponham fim a este texto, sem no entanto, ter a pretensão de concluí-lo, defini-lo, completa-lo, chegar ao fim, enfim. Sem “responder a uma nostalgia do absoluto” (ROSSI, 2013). Muito ficou por dizer e, mesmo que muito mais disséssemos, somente ampliariamos as nossas reflexões acerca do objeto de estudo. Valeu a tentativa de dar asas e de ser instigados a pensar de uma forma complexa e estabelecer vínculos entre autores e pensamentos que, sem intencionalidade, confirmam um pensamento que não é simplificador nem finito, que apenas propõe uma forma de olhar o mundo na direção certa, com um “rigor despretenso”. O pensamento complexo foi a nossa nascente e norteou o caminho do rio de liames a que nos propusemos, entre margens propostas por outros teóricos, as quais passaram numericamente de duas, que normalmente são as margens dos rios - uma de um lado e outra do outro -, porque muitas também são as formas como essas margens podem se mostrar, especialmente em termos de performance, estética e conteúdo. Nosso caminho para a construção de um novo imaginário para a sociedade complexa, mergulhada em um pensamento complexo, procura “a terceira margem do rio” (ROSA, 1994), sabendo que ela, na verdade não margeia, não limita, mas se torna um oceano, infinito

e extremamente distante da simplicidade. Esse texto é, também - e talvez primeira e principalmente -, uma humilde homenagem ao gigantesco Edgar Morin, em agradecimento pelos muitos anos de sua vida, que estão sendo dedicados a um projeto tão complexo como o pensamento que ele mesmo defende. Um grande obrigado!

Bibliografia

ARANCIBIA, Felipe E. R. **Decrescimento, a realização de uma utopia**. Revista Sociedade e Estado – Volume 27 Número 1 – p. 193 a 196. UnB, Brasília, Janeiro / Abril 2012

BECK, U. **Die Risikogesellschaft. Auf den Weg in eine andere Moderne**. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2015.

....., GIDDENS, A. e LASH, S. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

BENJAMIN, W. **Das Passagen**. Berlin: Suhrkamp Verlag; Auflage: 1982.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e terra, 2005.

CORTÈS, Jacques. **La Méthode d'Edgar Morin: Pistes de lecture**. Revue Synergies Monde nº 4 – p. 43 - 58, Gerflint, France, 2008

DERRIDA, J. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESPOSITO, Roberto. **Bios: biopolítica e filosofia**. Lisboa: Edições 70, 2010.

ESTRADA, Adrian A. **Os fundamentos da teoria da complexidade em Edgar Morin**. Akropolis Umarama, v. 17, nº2, p. 85 – 90, abr / jun 2009

FOUCAULT, M. **Le mot et le chose**. Paris: Flammarion, 2012.

FREUD, Sigmund. **Jenseits des Lustprinzips**. in Gesammelte Werke, XIII. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

GONÇALVES, Jaqueline S.; CHACON, Suely S. **Decrescimento sereno, convivial e sustentável: uma saída para o crescimento desenfreado**. Memoria del Foro Biental Iberoamericano de estudios del Desarrollo. Universidad de Santiago de Chile, Enero 2013

GUATARRI, F. **Lignes de fuite. Pour un autre monde de possibles**. La Tour d'Aigues, Éd. De l'Aube, coll. Monde en cours, 2011.

HEGEL, F. **A Razão na História: Uma introdução geral à filosofia da história**. São Paulo: Ed Centauro, 2004.

HEIDEGGER, M. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2006.

HONETH, Axel. **Kampf um Anerkennung: Zur moralischen Grammatik sozialer Konflikte**. Berlin: Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft, 2010.

..... **Das Ich im Wir: Studien zur Anerkennungstheorie**. Berlin: Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft, 2010.

JONAS, H. **Das Prinzip Verantwortung**. Berlin: Suhrkamp, 1986.

KLEIN, Melanie. **Psicanálise da Criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1975.

LATOUCHE, Serge. **A Bas le Développement durable! Vive la décroissance conviviale!**
Revue Silence N° 280 p. 8 - 11, Lyon, Fev. 2002

LEVINAS, E. **Transcendência e Inteligibilidade**. Lisboa: Edições 70, 1991.

LIPOVETSKY, Gillis. **L'empire de l'éphémère**. Paris: Gallimard, 1991.

LI VIGNI, Fabrizio. **Morin Beck e Latouche: for na ecology of action in the light of degrowth. Third International Conference of Degrowth – Workshop 51**. Venice, Sept. 2012

LUHMANN, N. **Einführung in die Systemtheorie**. Heidelberg: Carl Auer Verlag; Auflage: 5. Aufl., 2009

MORIN, Edgar. **Le défi de la complexité**. Revues Chimères, n° 5/6, p. 1 – 18, Paris 1988.

MORIN, Edgar. **Le paradigme Perdu: la nature humaine**. Ed du Seuil, Paris 1973.

NIETZSCHE, F. **Jenseits von Guete und Böse**. Werke in drei Bänden. München: 1954.

PETRAGLIA, Izabel. **Complexidade em tempos incertos**. Notandum Libro 11, p. 17 - 24.
CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto, 2008

PINHEIRO, Carla. **Ética e Técnica em Umberto Galimberti: de onde viemos, quem somos, para onde vamos**. In Revista Sapere Aude. Minas Gerais, 2015

ROSA, Guimarães. **A terceira margem do rio**. In: _____. Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

ROSSI, Paolo. **Esperanças**. São Paulo: Ed. Unes, 2013.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

VIEIRA, Rosângela de Lima. **Globalização econômica e ocidentalização do mundo: um mesmo processo histórico**. Anais do XIX Encontro regional de História: Poder, violência e exclusão. ANPUH/SP – USP. Sept 2008.